

O PAPEL DA FAMÍLIA E DOS PARES NA ESCOLHA PROFISSIONAL¹

Larissa Medeiros Marinho dos Santos*

RESUMO. O momento da escolha profissional é visto como essencial na percepção do adolescente, da família e da sociedade. Por ser considerado um momento importante o adolescente sente necessidade de ter apoio da família e dos pares durante o período de escolha. O objetivo deste estudo foi verificar as percepções dos adolescentes quanto à influência da família e de terceiros na escolha profissional. Participaram 16 ex-orientandos de um programa de orientação profissional de uma universidade pública federal, cinco (5) do sexo masculino e onze (11) do sexo feminino, com idades variando entre 16 e 18 anos. Foram realizadas duas entrevistas abertas. Os dados foram analisados a partir da Epistemologia Qualitativa proposta por González-Rey (1997), com a retirada de indicadores e a construção de zonas de sentido a partir do discurso dos adolescentes. Os indicadores na primeira entrevista sugeriram a influência dos pais e na segunda entrevista, a influência dos pares.

Palavras-chave: família, escolha profissional, adolescência.

THE PARENTS` AND PEERS` ROLE IN VOCATIONAL CHOICE

ABSTRACT. The vocational choice is seen as essential in the adolescent's, in their family's, and the society's perceptions. In fact the adolescent feels a need to have support from his family and peers during this moment. This study had the intention to verify the adolescent's perception about their families' and friends' influence in their career choice. The sample was composite by 16 adolescents who had looked for a guidance program in a Public University, five (5) males and eleven (11) females, ages between 16 to 18 years. The procedure of the research involved two open interviews. The work was based in the formulation of Fernando González-Rey (1997) in its structure and analyses. Parents' influence showed his presence in the first interview indicators. In the second interview were found many indicators about peers' influence.

Key words: family, vocational choice, adolescence.

A adolescência é reconhecida como uma fase do ciclo de vida em que o indivíduo passa por transições. O adolescente se torna, para o senso comum, “o aborrecido”, aquele que sabe apenas questionar e desafiar. Esta é uma fase de grandes mudanças, na qual surgem fatores e questões que repercutem sobre o jovem e sua família.

Uma das transições marcantes que normalmente ocorrem na adolescência é o início da busca por uma escolha profissional. Esta escolha se apresenta decisiva para a vida dos adolescentes e é vista como uma “necessidade” pela família, pela sociedade e por eles próprios (Lucchiari, 1993, p. 11). Neste período da vida do jovem ocorre o término do seu percurso no Ensino Médio e se intensifica a sua busca por uma carreira - pois é o momento de ingresso na faculdade e/ou no mercado de trabalho -, gera a necessidade de escolha de um curso superior ou de uma profissão.

A família e a sociedade esperam que o jovem escolha uma carreira ao final do 3º ano do Ensino Médio para que possa prestar um vestibular. Atualmente, na Universidade de Brasília, com o Programa de Avaliação Seriada - PAS, uma forma alternativa de ingresso na universidade, que inclui a seleção de estudantes para o ensino superior de maneira gradual (Gauche, 2000), esta “necessidade” de escolha foi antecipada, obrigando-os a pensar sobre o futuro curso desde o 1º ano do Ensino Médio.

A “necessidade” (Lucchiari, 1993) da escolha não afeta apenas o jovem. O grupo familiar também é direta ou indiretamente afetado, pois alguns pais buscam realizar-se por meio dos filhos (Bohulasvsky, 1987) e outros sofrem com o desgaste vivenciado pelo filho que tem dificuldade para decidir.

A família, por vezes, assume uma postura de expectativa que faz com que o adolescente se sinta

¹ Apoio do CNPq. Agradecimentos ao Prof Dr. Wanderley Codo; Universidade de Brasília e a Iône Vasques-Menezes idealizadora do programa de Orientação pelo Trabalho.

* Mestre em Psicologia Social e do Trabalho, Doutoranda do Curso de Pós-Graduação da Universidade de Brasília - UnB.

cobrado (Andreani, 2004). O adolescente sente vontade de ter apoio na sua “luta por uma identidade vocacional” (Aylmer, 1995, p. 174), mas a capacidade que a família tem para dar apoio está relacionada com o seu grau de expectativa, com os seus conflitos e com a sua capacidade de manejá-los.

ADOLESCÊNCIA, MOMENTO DE TRANSFORMAÇÃO

A adolescência é vista como uma etapa do desenvolvimento humano de individualização que, segundo Lewis (1995), termina em uma representação objetiva do “eu” claramente definida. Para o autor, nesta fase ocorre o abandono das atividades infantis e a opção por outras do mundo adulto.

Não é um momento fácil, pois o adolescente ainda não é adulto e não deixou de ser criança. Boholasvsky (1987) considera que nesse período é vivenciada a magia de vir a ser adulto e o luto da perda da infância. Não pode fazer tudo o que faz um adulto, mas é criticado quando toma atitudes consideradas infantis.

Para Moreno (1978), os adolescentes devem realizar o processo de inversão, a sua independência do outro. Caso isso não ocorra eles ficam, de certo modo, indiferenciados, tais como crianças. A criança vive os dois mundos – o seu e o do outro – e o problema não é abandonar um dos dois, mas ser capaz de dominar a situação, ser capaz de se transferir entre os dois mundos.

A co-existência, a ação e a experiência dessa primeira fase demonstram a relação entre a criança, as pessoas e as coisas à sua volta. Estas são características que Moreno (1978) denomina “matriz de identidade”. A matriz é, por sua vez, o que lança a base para o desenvolvimento emocional da pessoa.

O desenvolvimento emocional é um processo, cujas fases são: 1) a criança vê o outro como uma parte de si mesma, 2) a criança concentra a atenção no outro e estranha parte de si, 3) a criança separa a outra parte da continuidade da experiência e deixa de fora todas as demais partes, inclusive a si mesma; 4) a criança situa-se na outra parte e representa o papel desta e, finalmente, 5) a criança representa o papel da outra parte, a respeito da outra pessoa, que, por sua vez, representa seu papel, completando o ato de inversão de identidade e reconhecendo seu papel. Esse desenvolvimento e a realização da inversão indicam que a criança libertou-se do ego auxiliar, tornou-se independente.

Müller (1988) afirma que durante a adolescência o jovem busca responder a duas perguntas básicas: “QUEM SOU EU?” e “QUEM SEREI EU?”, o que

pode implicar em uma revisão do seu autoconceito, a partir de uma reavaliação de si mesmo e, enfim, um comprometimento com sua identidade. “QUEM SOU EU?” é considerado por Ciampa (1987) o ponto de partida para a definição da identidade, sendo esta definição, segundo Lewis (1995), a principal tarefa da adolescência. O jovem tem o desejo de definir-se como pessoa, experimentando-se a todo o momento. Além disso, é uma fase de conflitos e crises internas que se refletem externamente, principalmente no âmbito familiar.

A definição de uma identidade ocupacional se dá nesse período de inúmeras transições (Erikson, 1976), de tal maneira que o momento de uma escolha profissional parece decisivo na vida de um adolescente. A escolha é parte da definição da identidade ocupacional e uma opção que, na visão do adolescente, irá nortear os caminhos a serem percorridos e as escolhas futuras.

Escolher é, ao mesmo tempo, decidir e abdicar. Uma escolha implica em deixar para trás as opções que ficaram de fora. Levenfus (1997) considera que a escolha configura-se também como uma despedida, um luto; decidir é na verdade um ato de coragem (Bock, 1997).

O PAPEL DA FAMÍLIA NO MOMENTO DA ESCOLHA

Muitos fatores influem na escolha de uma profissão, de características individuais a convicções políticas e religiosas, valores e crenças, situação político-econômica do país, a família e os pares. A literatura aponta a família como um dos principais fatores que ajudam ou dificultam no momento da escolha e na decisão do jovem como um dos fatores de transformação da própria família. O jovem pertence a uma família, que tem uma história e características próprias (Bock & Aguiar, 1995). Por isso, é considerado essencial para a escolha não somente o conhecimento que ele tem de si mesmo, mas também o conhecimento do projeto dos pais, o processo de identificação e o sentimento de pertencimento à família, o valor dado às profissões pelo grupo, assim como a maneira como o jovem utiliza e elabora os dados familiares.

As crises pelas quais passa o adolescente provocam ressonância na família (Rappaport, Fiori & Davis, 1982). Segundo Preto (1995) e Andrade (1997), a adolescência transforma a própria família por meio de uma crise que ocorre ou pode ocorrer no seio familiar. Neste período se dá uma renegociação de papel e os pais, assim como os jovens, entram em

novos estágios. A estrutura familiar é considerada pelos autores essencial para uma passagem por esta fase.

As crises vivenciadas pelo adolescente e sua família incluem oscilações em sua definição profissional, indagações quanto à escolha de uma profissão rentável e segura, mas que não satisfaz, ou a opção por uma atividade que atrai, mas que não traz estabilidade financeira. Os pais podem reviver os próprios conflitos da adolescência.

De Gaulejac (citado por Lucchiari, 1997) demonstra que o projeto dos pais orienta-se por duas lógicas contraditórias: a primeira, de reprodução, em que o desejo deles é ver o filho continuando a sua própria história e, a segunda, de diferenciação, em que eles desejam que os filhos realizem tudo o que eles próprios não puderam realizar, encorajando a singularidade, a autonomia e a oposição. Lucchiari (1997) afirma que pais e filhos influenciam-se mutuamente e que as atitudes dos pais dependem da ação dos filhos. No processo de socialização, a criança seleciona os traços familiares na interação com seus antecedentes e os integra diferentemente na construção da sua personalidade. Não pode modificar os dados recebidos, mas pode utilizá-los de forma contrastante e, enquanto uma criança se identifica com uma característica, outra se defende dessa identidade.

A história familiar é o ponto de partida para a constituição dos conceitos que os jovens têm de si mesmos, assim como para a compreensão das suas aptidões. As escolhas vivenciadas se dão a partir de modelos familiares, que também acabam influenciando no juízo de valores do sujeito acerca das profissões. (Lucchiari, 1997).

Lucchiari (1997) afirma que o homem precisa de projetos para viver e que, para construí-los, funde o presente, recorda o passado e prevê o futuro. Mas, para que isto ocorra, é necessária a conscientização de si mesmo e a busca de informações no mundo externo, retornando à família.

Esses projetos de vida descritos por Lucchiari (1997) dependem das expectativas dos pais e dos filhos em relação ao futuro, nos seus aspectos conscientes e inconscientes, das motivações e desejos dos pais em relação à escolha profissional dos filhos, que poderão substituir uma escolha que o pai não pode fazer ou superar a situação social no qual a família se encontra. A escolha profissional é uma oportunidade de provar a lealdade à família e de cumprir com a sua missão não apenas individual, mas familiar.

A família é considerada importante no momento da escolha, contudo o jovem não baseia sua decisão

apenas nos familiares. Ele é influenciado pelos pares, que são os “outros” significativos na sua vida. Harris (1995), contrapondo-se às referências anteriores que destacaram o papel da família, demonstra em seu trabalho evidências de que o papel dos pais não tem efeito duradouro ou decisivo no desenvolvimento infantil, mas que o contexto no qual vivem as crianças, seu processo de socialização e seus pares são, na realidade, os responsáveis pela formação da criança, sendo estes os responsáveis pela transmissão cultural e, conseqüentemente, pela construção dos valores.

A autora (Harris, 1995), ao longo do seu artigo, apresenta evidências quanto ao papel do ambiente no qual a criança está inserida, o contexto dentro e fora de casa e os fenômenos grupais. Segundo a autora, a criança convive em muitos ambientes e desenvolve mecanismos para lidar com cada um deles, aprende a conviver com os grupos que estão fora da sua casa em vários contextos, o que demonstra que o papel dos pais fica reduzido, se comparado ao ambiente social.

A partir do referencial teórico construído por Harris (1995), que se contrapõe às referências anteriores, decidiu-se verificar a percepção dos adolescentes quanto ao papel da família e dos pares no momento de escolha profissional. O objetivo deste estudo foi verificar as percepções dos adolescentes quanto à influência da família e de terceiros na escolha profissional, buscando identificar e qualificar a participação de outras pessoas significativas para o jovem no momento da escolha.

MÉTODO

Participantes

A amostra deste estudo é o que Gil (1999) denomina de “amostra por acessibilidade”, por não atender ao rigor da escolha aleatória. Participaram 16 ex-orientandos, que haviam procurado espontaneamente o programa de orientação profissional de uma universidade pública federal e que haviam participado do processo entre setembro e novembro de 1999. Cinco (5) dos participantes eram do sexo masculino e onze (11) do sexo feminino, com idades variando entre 16 e 18 anos.

Passados seis meses do término do programa de orientação, 5 (cinco) dos participantes do estudo estavam estudando apenas para o vestibular, 1 (um) estava no segundo ano do Ensino Médio, 6 (seis) no terceiro ano do Ensino Médio, 2 (dois) estavam trabalhando em uma área diferente daquela pela qual haviam optado, 1 (um) estava procurando trabalho com a expectativa de poder fazer o curso pretendido e

2 (dois) haviam passado no vestibular para cursos diferentes dos que haviam escolhido.

Instrumento

Foram realizadas duas entrevistas abertas. A primeira, para um levantamento da história de vida dos adolescentes, ocorreu antes do início do programa de orientação. Nesse momento era pedido que os adolescentes falassem sobre si, sendo acrescentadas questões de acordo com o discurso dos jovens: sobre família, escola, amigos e o papel de cada um destes fatores no momento da escolha. A segunda, realizada após um período de seis meses do término do programa, continha questões orientadoras inseridas ao longo do discurso dos ex-orientandos, tais como: “Como você viu a participação da sua família no momento da escolha?” e “Como você viu a participação dos seus amigos?”.

Procedimentos

A análise do papel da família e dos pares no processo de escolha foi realizada a partir do levantamento da história de vida dos adolescentes e das suas experiências no decorrer do programa. Tais informações foram obtidas por meio de entrevistas abertas, guiadas por questões eliciadoras inseridas durante e de acordo com o discurso dos participantes. A opção por um método de levantamento da história de vida foi feita a partir da teoria proposta por González-Rey (1997), segundo a qual o trabalho com dados qualitativos pressupõe que estes nem sempre são detectados no discurso direto e que a história de vida direciona a análise dos dados.

Após a realização da primeira entrevista, os adolescentes participaram dos grupos de orientação para o trabalho. Seis meses após o término do programa, os jovens foram chamados para a segunda entrevista, cujo principal objetivo foi verificar a avaliação que tiveram da experiência e o papel que desempenharam suas famílias no processo. Estas entrevistas foram semi-estruturadas e enfocaram o objetivo, evitando que o orientando se afastasse do tema, ou, como prefere Gil (1999), foram focalizadas.

Como sugere González-Rey (1997), as entrevistas foram escolhidas como método adequado porque podiam ser inseridas no contexto do programa de orientação, que previa uma entrevista para a formação dos grupos de orientação, sem modificar sua estrutura, facilitando o contato entre o pesquisador e os adolescentes. Na primeira fase, as entrevistas foram

realizadas em um centro de atendimento à comunidade de uma universidade pública federal, local onde ocorria o programa de orientação. Na segunda fase, as entrevistas foram realizadas nos horários e locais indicados pelos ex-orientandos: um (1) foi entrevistado em uma igreja; outro (1), em um *shopping*; três (3), no seu local de trabalho; quatro (4), na universidade e sete (7), em suas residências. Os participantes foram entrevistados individualmente, sem limite de tempo, e os dados foram registrados em fita cassete.

Tratamento e análise dos dados

Foram gravadas duas fitas cassete, de sessenta minutos, com as entrevistas de cada um dos adolescentes, em um total de 32 fitas. As fitas foram transcritas na íntegra e conservadas, tal como sugere Bardin (1977).

A análise dos dados foi realizada por meio da Epistemologia Qualitativa proposta por González-Rey (1997) e se constituiu basicamente dos momentos a seguir:

- 1- Pré-análise: as entrevistas foram lidas e relidas até que o seu conteúdo e o seu significado fossem apreendidos pelo pesquisador, de forma congruente e seguindo a continuidade da informação.
- 2- Identificação dos indicadores (González-Rey, 1997): elementos que adquirem significado a partir da interpretação do investigador e que se constroem sobre a base de informações implícitas e indiretas. A identificação dos indicadores é feita de forma subjetiva a partir do momento da pré-análise, destacando as frases e palavras-chave mais presentes e contextualizadas na leitura das entrevistas, as que se destacam na subjetividade do pesquisador.
- 3- Construção das *zonas de sentido* (González-Rey, 1997): zonas de síntese dos resultados, construídas a partir dos indicadores retirados do discurso. As zonas de sentido são zonas que sintetizam os indicadores encontrados. Os indicadores são agrupados em zonas que expressem seu significado.
- 4- Construção teórica: realizada a partir das zonas de sentido e a relação da síntese obtida com a teoria preexistente e com a análise do investigador. A construção teórica ocorre a partir dos indicadores, que são a fonte da informação; alimenta-se continuamente da teoria e a retroalimenta em um processo contínuo, para a construção de nova teoria.

RESULTADOS

Os resultados das entrevistas estão descritos a partir das zonas de sentido encontradas e dos seus indicadores. Com o objetivo de facilitar a compreensão, os resultados de cada uma das entrevistas são apresentados em duas tabelas, a primeira com os indicadores e as zonas de sentido indentificadas na primeira entrevista e a segunda com os dados da segunda entrevista. Os trechos apontados como indicadores serão classificados por um número indicador, pelo nome atribuído ao entrevistado (nomes fictícios, escolhidos

respeitando o sexo do entrevistado) e pela sua idade.

Indicadores e “zonas de sentido” encontrados na primeira entrevista

A Tabela 1 apresenta uma síntese dos resultados nas “zona de sentido da influência dos pais e dos sentimentos gerados pela opinião dos pais”, seguida dos indicadores apreendidos a partir da primeira entrevista que compõe cada uma dessas zonas e de exemplos das falas correspondentes.

Tabela 1. Indicadores e “Zonas de Sentidos” Encontrados na Primeira Entrevista

Zona de Sentido	Indicadores	No	Verbalizações	Participante (Nomes fictícios)	Idade	
Da “opinião dos pais”	alguns dão liberdade para decidir	01	“(…) meus pais falar: ‘você é você e eu não vou tomar decisão nenhuma por você.’”	Daniela	18	
		02	“Eles deixam eu escolher o que quiser.”	José	17	
		03	“não sei o que eu quero, mas eles dizem que é para eu escolher”	Lúcia	16	
		04	“Querem que eu escolha o que eu gosto”	Paula	18	
	outros expressam suas opiniões	05	“A minha mãe acha que eu devia fazer jornalismo”	Lígia	16	
		06	“para satisfazer a minha mãe. Acha que eu tenho que pensar mais para ter certeza”	Aline	17	
		07	“acham que não sirvo para ser militar”	Celso	17	
		08	“Ele (o pai) quer que seja médico, já tem consultório...”	Fernando	17	
		09	“Ela (a mãe) acha que devia ser ‘doutor’, médico”	Marcelo	18	
	ou expressam seu apoio	10	“ela fala (a mãe) (...) que a gente tem que lutar pelo que quer. Mas como não sei o que quero, não sei. Queria que ela dissesse.”	Maria	18	
		11	“Me mandaram aqui para escolher o que gosto.”	Carla	18	
		12	“Ele (o pai) acha que tem tudo a ver comigo”	Cláudio	17	
		13	“Meus pais apoiam no que eu escolher”	Marta	16	
		14	“Fiz inscrição, para biologia, é a profissão deles. Ficaram felizes”	Sueli	17	
		15	“me deixam em dúvida. “Será que dô conta?””	Celso	17	
		16	“eles falam... A gente fica sem saber”	Kátia	16	
		17	“Eu queria dançar. Mas tem o que eles querem, fico confusa.”	Patrícia	16	
Da “dos sentimentos gerados pela opinião dos pais”		sentem-se inseguros	18	“Numa hora dessa assim(...), eu não sei do que realmente gosto. Eu não sei.”	Daniela	18
			19	“Isso deixa a gente em dúvida”	Celso	17
	20		“Fico confusa.”	Patrícia	16	
	21		“Não consigo saber”	Lúcia	16	
	ficam com dúvidas	22	“me põe em dúvida”	Lígia	16	
		23	“Fico em dúvida se não devia fazer o que eles acham”	Kátia	16	
		24	“Mas eu não sei o que gosto. Não sei o que fazer”	Paula	18	
		25	“Fico em dúvida porque queria fazer algo bom para ela. Quero ajudá-la.”	Marcelo	18	
		26	“Pode confundir mais....”	Sueli	17	
		sentem segurança	27	“ela me deixa mais segura”	Maria	18
	26		“me ajuda a ter mais certeza.” “Dá confiança.”	Cláudio	17	
	29		“me dão confiança.”	José	17	
	30		“Gosto do apoio.”	Fernando	17	
	31		“me sinto mais segura.”	Carla	18	
	32		“Me faz sentir apoiada..”	Marta	16	
	sentem-se dependentes		33	“Se ela morresse eu não saberia o que fazer.”	Marta	16
		34	“Se eles não me ajudarem em não sei.”	Paula	18	
		35	“Queria que me dissessem o que fazer.”	Kátia	16	
		36	“Quero ser independente, sair de casa”	Daniela	18	

Indicadores e “zonas de sentido” encontrados na segunda entrevista

A Tabela 2 apresenta uma síntese dos resultados na “zona de sentido da influência de

terceiros”, seguida dos indicadores apreendidos a partir da primeira entrevista que compõe cada uma dessas zonas e de exemplos das falas correspondentes.

Tabela 2. Indicadores e “Zonas de Sentidos” Encontrados na Segunda Entrevista

Zona de Sentido	Indicadores	No.	Verbalizações	Participante (Nomes fictícios)	Idade
da “influência de terceiros”	a necessidade de se fazer um curso superior	37	<i>“Para eles (os pais) o importante é fazer faculdade.”</i>	Paula	18
		38	<i>“Acham importante eu fazer um curso superior.”</i>	Daniela	18
		39	<i>“Eles (os pais) dizem que é importante fazer curso superior.”</i>	Sueli	18
A dúvida gerada pelo que os outros falam		40	<i>“Sempre que alguém fala de uma profissão você começa a pensar. ‘Será que ela tem razão?’.”</i>	Lúcia	16
		41	<i>“Ainda não sei bem o que quero. Quando alguém fala, fico sem saber...”</i>	Carla	17
		42	<i>“Eles falam (...) eu não tenho certeza”</i>	Kátia	16
Os amigos acham louco		43	<i>“Alguns amigos me acharam meio louco... que tem que se esforçar demais.”</i>	Fernando	17
		44	<i>“Tem gente que diz (...) é loucura, tenho mais que trabalhar, ajudar em casa...”</i>	Maria	18
		45	<i>“Psicologia é coisa de doido. Não me importo”</i>	José	18
O papel da profissão dos pais		46	<i>“Análisei melhor, acho que meu pai me influenciou um pouco, ele é médico”</i>	Fernando	17
		47	<i>“Influenciar, acho que não. Mas ajudou, eu conhecia a profissão.”</i>	Sueli	18
O incentivo		48	<i>“sempre me incentivaram”</i>	Celso	17
		49	<i>“o meu pai não apoiaria também, mas minha mãe, (...) ela vai me apoiar”</i>	Cláudio	17
		50	<i>“eles ficaram super felizes... me incentivaram.”</i>	Sueli	18
		51	<i>“Os amigos me deram maior apoio. Acham massa...”</i>	Marcelo	18
		52	<i>“Gostaram da minha escolha, me apoiam. Vou fazer um curso de desenho.”</i>	Marta	16
O que quer que seja após a decisão não tem importância		53	<i>“Minha avó acha (...) agora eu nem ligo mais dela falar de direito”</i>	Lígia	16
		54	<i>“Ela queria que fizesse orientação, fiz. Agora eu sei, pronto.”</i>	Aline	18
		55	<i>“Minha irmã não gostou, mas agora não tem problema.”</i>	Marta	16
A imposição de um curso		56	<i>“Direito. Fizeram inscrição para mim e eu nem sabia.”</i>	Patrícia	16
		57	<i>“Querem que faça direito. Vou (...) ver no que dá, ainda não tenho certeza.”</i>	Kátia	16

DISCUSSÃO

A discussão dos resultados será subdividida em três etapas para uma melhor compreensão da análise. Na primeira etapa serão analisados os dados obtidos na primeira entrevista; na segunda, os dados da segunda entrevista, e finalmente será realizada uma discussão geral. Os trechos do discurso dos participantes correspondentes aos indicadores foram identificados pelo nome fictício e pelo número de identificação dos trechos do discurso.

Informações sobre participação da família no processo de escolha profissional obtidas na primeira entrevista

Segundo Boholasvsky (1987), Lucchiari (1993), Bock e Aguiar (1995) e Andreani (2004), a família desempenha um papel fundamental no processo de escolha de uma profissão. Esse papel vai desde o apoio, citado por Aylmer (1995), à participação dos familiares na formação global, no desenvolvimento do adolescente e na história de vida, como descrito por Bock e Aguiar (1995).

O discurso dos adolescentes entrevistados apresentou indicadores da importância e da influência dos pais no processo de tomada de decisão. Tais indicadores foram sintetizados em duas zonas, que podem ser denominadas, respectivamente, zona de sentido da “opinião dos pais” e zona de sentido “dos

sentimentos gerados pela opinião dos pais”, cujos indicadores são apresentados na Tabela 1.

A relação entre o que os entrevistados afirmam sentir e a opinião emitida pelos pais nem sempre se dá de forma linear. Isso não significa que um jovem que tenha liberdade para escolher sua carreira sem a influência dos pais fique feliz com este fato, tal como indicado por Daniela (01), para quem a exigência era apresentada como uma cobrança de que ela tomasse uma decisão por si, e por Lúcia (03), que não sabe o que quer e a quem os pais dizem que a escolha é dela, diferentemente do que ocorre com José (02) e Paula (03), que descrevem apenas a permissão para escolher de acordo com a sua vontade.

Na percepção dos jovens, o discurso dos pais pode gerar dúvida. Isso ocorreu com Lígia (05), que se sente insegura com a opinião da mãe, segundo a qual ela deveria fazer jornalismo; ou com Celso (07), que fica sem saber se serve para ser militar. Por outro lado o mesmo discurso pode também trazer mais segurança, de que Daniela (01) sente falta, como ocorre com Fernando (08), que já conta com o consultório do pai; ou pode ainda significar uma obrigação, descrita por Aline (06) e Marcelo (09). A opinião do outro gera dúvida (Daniela, 18; Celso, 19; Patrícia, 20 e Lúcia 21), a falta da opinião gera insegurança, o apoio gera segurança (Maria, 27; Cláudio, 26 e Fernando; 30) e, até mesmo dependência, tal como para Paula (34), Kátia, (35) e

Maria (10), esta última incentivada pela mãe a lutar pelos seus sonhos.

Existe também no discurso dos adolescentes uma necessidade e um desejo de independência, vontade de sair de casa, descrito por Daniela (36), que parece contraditória, se comparada à sua reação à falta de opinião dos pais. As dúvidas de Daniela nesta relação entre a vontade de sair de casa e a necessidade da opinião dos pais se tornam interessantes, pois à medida que o convívio com os pais gera dependência, Daniela busca independência, mas para ser independente depende de um trabalho, que por sua vez depende de uma escolha, a mesma que ela tem dificuldade em realizar.

A relação dos jovens com sentimentos e opiniões gerados nas famílias apresenta-se de forma contraditória e parece ter grande influência no processo decisório. Segundo Rappaport, Fiori e Davis (1982), todas as crises pelas quais o adolescente passa provocam ressonância na família, incluindo a crise provocada pela escolha profissional.

Aparentemente, não importa o que o adolescente planeje, é na família que ele tende a buscar o primeiro apoio, como demonstrado nos resultados da primeira entrevista. Na maioria das vezes, são os pais que irão pagar a faculdade e/ou mantê-lo, caso ele estude durante o dia em uma faculdade pública. A família é um entre os vários facilitadores ou dificultadores do processo de escolha, mas antes de tudo tem um papel importante na realidade do adolescente e deve ser levada em consideração quando se trata de projeto de vida. É na família que o adolescente encontra normalmente suporte emocional e financeiro para a realização do seu projeto.

A percepção dos adolescentes na segunda entrevista: a família, os pares e o seu papel na escolha profissional

Relacionados à influência da família na formação (Aylmer, 1995) e no processo de escolha do adolescente (Bock & Aguiar, 1995), novos indicadores apresentam-se na segunda entrevista. Entretanto, após o programa de orientação, ganha destaque no discurso dos adolescentes o papel da opinião dos pares no processo (Howard, Hunter, Platow & Stringer, 1996), ou seja, o papel do seu grupo social (Bohoslavsky, 1987; Levenfus, 1997; entre outros).

Foram encontrados diversos indicadores referentes à influência dos pares, formando o que foi chamado de zona de sentido “da influência de terceiros”, que tem seus indicadores apresentados na Tabela 2.

Paula (37), Daniela (38) e Sueli (39) descrevem a sua iniciativa de escolher um curso e entrar em uma faculdade destacando a necessidade de seus pais, que consideram importante que elas façam um curso superior. Retomando a discussão de que a escolha profissional não afeta apenas o jovem individualmente, mas que o grupo familiar é direta ou indiretamente afetado pela escolha profissional (Bohoslavsky, 1987), verifica-se, nos casos acima, a percepção das jovens sobre o papel que os familiares desempenham quando afirmam a necessidade de o jovem entrar para a universidade.

Não obstante, no discurso de Lúcia (40), Carla (41) e Kátia (42), há referência à opinião de terceiros no que se refere às suas escolhas. A opinião dos pais, além da dos pais, gera dúvida quanto à escolha da adolescente, mesmo após o programa de orientação. Kátia, por exemplo, tratando da influência dos pais, fala da possibilidade de experimentar o curso desejado por seu pai, incentivada pela percepção de que a escolha não tem que ser definitiva.

A opinião dos amigos/pares aparece também em opiniões relativas às profissões escolhidas. No caso de Fernando (43), eles o consideram “louco” por ele ter decidido prestar vestibular para medicina, um curso com um vestibular muito concorrido e considerado muito difícil, que exige muito esforço. O mesmo ocorreu em relação a Maria (44), a quem os amigos dizem que é loucura prestar vestibular para medicina, pois devia ajudar em casa e escolher alguma coisa que esteja relacionada a sua realidade. Entretanto, as opiniões dos pares e familiares parecem não diminuir a vontade de Maria de ser médica nem a de Lúcia (53) de fazer direito. Sobre a opinião da avó, Lúcia afirmou: “*Hoje em dia eu nem ligo mais, já levo assim mais na brincadeira*”, demonstrando não se importar com as opiniões expressadas pelos outros.

Fernando (46) reafirma o papel do pai influenciando sua escolha. Neste caso, não com a opinião, mas sim, com o exemplo. Sueli (47) afirma que a carreira dos pais serviu para que ela conhecesse a profissão. Retrata um processo de identificação (Bohoslavsky, 1987) ou um processo de reprodução, no qual o desejo dos pais é ver o filho continuando suas histórias (De Gaulejac, *in* Lucchiari, 1997).

Celso (48), Cláudio (49), Sueli (50), Marcelo (51) e Marta (52) reafirmam o apoio da família no processo de escolha. Tal como em Aylmer (1995, p. 174), o jovem adulto sente necessidade de apoio nesse momento de “luta por uma identidade vocacional”, e este apoio está relacionado ao grau de expectativas e conflitos, tanto dos pais quanto dos filhos. Retomando a discussão apresentada nos resultados da primeira

entrevista, nem sempre o apoio dos pais facilita o processo de escolha, nem sempre a liberdade que os pais dão para o filho escolher gera segurança – pode, ao contrário, gerar ansiedade.

A partir do momento em que a decisão foi tomada, Lígia (53), Aline (54) e Marta (55), ao contrário de Lúcia (40), afirmam que a opinião emitida pelos outros, no caso, “*minha avó acha*” (Lígia, 53); “*ela queria que eu fizesse orientação, fiz. Agora eu sei, pronto.*” (Alice, 54); “*Minha irmã não gostou, mas agora não tem problema.*” (Marta, 55), não tem mais importância depois que a decisão foi tomada.

Patrícia (56), assim como Lúcia (40), não compartilha com as opiniões de Lígia (53), Aline (54) e Marta (55), pois não aponta apenas um indicador da *influência* de terceiros na escolha, mas de *imposição* dos tios na tomada de decisão: “*foram meus tios*” (Patrícia, 56), que não só deram opiniões sobre a sua escolha, mas a inscreveram em um vestibular para o curso por eles pretendido. Os pais de Kátia (57) não fizeram sua inscrição no vestibular, mas continuaram a impor um curso. Novamente se nota que as outras pessoas envolvidas na escolha do adolescente dão liberdade para ele decidir, expressam suas opiniões, seu apoio, geram mais dúvidas e comportamentos dos mais variados possíveis, tais como insegurança, incerteza, segurança e dependência, influenciando no processo de escolha e na execução do projeto de vida.

Os adolescentes encontram-se vulneráveis à influência de terceiros, mesmo após suas escolhas terem sido feitas. Encontram-se tão vulneráveis que a própria busca de um programa de orientação pode significar a tentativa de encontrar um terceiro para lhes “dizer o que fazer”, indicador presente na sua demanda. Assim, o jovem procura as opiniões da sua família, do seu grupo social e de um especialista. Eles precisam de apoio para poder construir os seus projetos de vida.

A dinâmica apresentada pelos adolescentes em relação ao processo de escolha profissional indica um funcionamento de pseudoindividualização, como o descrito por Stanton e cols. (1999). O adolescente sente, por um lado, que tem que ficar ligado à família e, por outro, as pressões sociais, em uma relação triádica. Quanto maior o seu vínculo com o grupo e com os pares, maior a sua indecisão – que por sua vez é agente gerador de dependência. Considerando-se as proposições de Moreno (1978), é possível afirmar que estes adolescentes não realizaram o processo de inversão, a sua independência do outro, a fundamentação de sua matriz de identidade.

Os participantes desta entrevista encontram-se dependentes, tais como o indicado em seus discursos.

Além da dinâmica que liga o adolescente às dependências do grupo, da família e dos especialistas, existe ainda a dependência real da família. Os participantes têm uma dependência mais concreta, pois vivem na casa dos pais, não trabalham e, provavelmente, continuarão assim até concluir seus cursos e/ou conseguirem trabalho. A família tem influência direta na construção do projeto de vida, como afirmado na discussão sobre os dados obtidos na primeira entrevista.

Por outro lado, os dados da segunda entrevista demonstram que o papel da família é importante, mas não determinante para a escolha. Os adolescentes também destacam a influência dos pares, confirmando a tese de Harris (1995), de que o papel dos pais não tem efeito determinante no desenvolvimento infantil, mas que existe influência do contexto grupal no qual a criança está inserida.

A relação entre os indicadores da primeira e da segunda entrevista

Aylmer (1995), Bock e Aguiar, 1995, Lucchiari (1997) reconhecem o papel da família na história do adolescente e citam a sua importância no processo decisório. Os indicadores da influência dos pais foram apresentados nos resultados da primeira entrevista na zona de sentido “da opinião dos pais” e na zona de sentido do “sentimento gerado pela opinião dos pais”.

Os adolescentes identificaram formas diversificadas na maneira como os pais agiram, sendo que, enquanto alguns dão liberdade para decidir, outros expressam suas opiniões, expressam seu apoio ou geram mais dúvida, geralmente por meio de discordância ou de incentivo para que o filho siga uma carreira específica. Os resultados do comportamento dos pais de incentivo ou discordância variam de acordo com a percepção que geram nos filhos. Os adolescentes entrevistados deram indicações de que, dependendo do discurso dos familiares: sentiam-se inseguros, ficavam com dúvidas, sentiam-se dependentes; ou com o apoio, sentiam-se seguros. O que não significava que o adolescente que tinha liberdade para decidir ficasse feliz ou se sentisse seguro, pois em alguns dos casos, os indicadores demonstraram que a liberdade podia gerar mais insegurança, e que o apoio, por sua vez, podia dar maior segurança ou gerar dependência.

Assim, os sentimentos gerados pela família apresentaram-se como contraditórios e demonstraram ter influência no que se refere ao projeto de vida, considerando-se inclusive o papel dos pais em termos práticos, incluindo a possibilidade de auxiliar os filhos

em termos financeiros, por exemplo, pagando a faculdade. A família tem, de acordo com as afirmações apresentadas, influência sobre o projeto do adolescente, o que pode ser explicado pelo fato de, normalmente, é nela que o projeto se inicia, é dela que o jovem “sai” em busca dos seus “sonhos”. Os participantes dependiam da família e tinham dificuldade de enfrentá-la caso a escolha realizada não fosse a esperada pelos seus familiares.

Na segunda entrevista, os indicadores referiram-se não só ao papel da família, mas também à influência dos amigos e dos pares, concordando com a pesquisa de Harris (1995), na chamada *zona de sentido “da influência de terceiros”*. Uma parte dos adolescentes demonstrou a sua insegurança diante das opiniões da sua família e do seu outro social, mesmo após a sua escolha ter sido feita. No seu discurso, eles (Maria (27), Cláudio (26), José (29), Fernando (30), Carla (31), Marta (32)), apresentam a necessidade que têm de alguém para auxiliá-los e apoiá-los na construção dos seus projetos de vida, o que pode explicar a busca por um programa de orientação. Por sua vez Lígia (53), Alice (54) e Marta (55) afirmaram que, após a escolha ter sido realizada, a opinião do outro não interferia mais.

O processo de escolha de uma profissão é baseado na realidade do adolescente, que vive em família e que convive com “outros”, seus pares; que constrói a sua história sendo influenciado por seus pais e por terceiros; que tem que se decidir, construir sua própria identidade e, ao mesmo tempo, tornar este um momento de união familiar, buscando apoio dentro e fora do seu lar.

REFERÊNCIAS

- Andrade, T. D. (1997). A Família e a estruturação ocupacional do indivíduo. Em R. S. Levenfus, D. H. Soares-Lucchiari, I. C. Silva, M. D. Lisboa, M. C. Lassance & M. Knobel, *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp. 123-135). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andreani, G. (2004) *Escolha Profissional na Adolescência e Expectativa Familiaridade*. Artigos Semanais. Liop – Laboratório de Informação e Orientação Profissional. UFSC. Santa Catarina. Disponível em <<http://www.ufsc.br>> (Acessado em 05/10/2004)
- Aylmer, R.C. (1995). O Lançamento do Jovem Adulto Solteiro. Em B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida família. Uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 169-183). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70.
- Bock, A. M. & Aguiar, W. M. (1995). Por uma prática promotora de saúde em Orientação Vocacional. Em A. M. Bock, C. M. Amaral, F. F. Silva, L. M. Calejon, L. Q. Andrade, M. C. Uvaldo, M. L. Dias, P. Gimenez, R. S. Nascimento, R. I. Duran, S. P. Souza, S. D. Bock, W. M. Aguiar & Y. P. Lehman (Orgs.), *A escolha profissional em questão* (pp. 9-24). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bock, S D. (1997). Como se escolhe uma profissão? Em *Revista Pais & Teens*, 1(2).
- Bohoslavsky, R. (1987, 7. ed.). *Orientação Vocacional: estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória de Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- Erikson, E. (1976). *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gauche, R. (2000). *Contribuição para uma análise psicológica do processo de constituição da autonomia do professor*. Tese de Doutorado Não-Publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Brasília.
- Gil, A.C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- González-Rey, F. (1997). *Epistemología Cualitativa y Subjetividade*. São Paulo: EDUC.
- Harris, J. R. (1995). “Where is the child’s Environment? A Group Socialization Theory of Development”. *Psychological Review*, 102, 458-489.
- Howard, M.; Hunter, J.A., Platow, M.J. & Stringer, M. (1996). Social identity and intergroup evaluative bias: Realistic categories and domain: specific self-esteem in a conflict setting. *European Journal of Social Psychology*, 26, 631-647.
- Levenfus, R. S. (1997). Os Lutos pela Escolha Profissional. Em R. S. Levenfus, D. H. Soares-Lucchiari, I. C. Silva, M. D. Lisboa, M. C. Lassance & M. Knobel (Orgs.), *Psicodinâmica da Escolha Profissional* (pp. 163-174). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lewis, M. (1995) *Tratado de Psiquiatria da Infância e da Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lucchiari, D. H. (1993). O que é Orientação Profissional? Em D. H. Lucchiari (Org.), *Pensando e vivendo a orientação profissional* (pp. 11-16). São Paulo: Summus.
- Lucchiari, D. H. (1997). Uma abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do teste de três personagens. Em R. S. Levenfus, D. H. Soares-Lucchiari, I. C. Silva, M. D. Lisboa, M. C. Lassance & M. Knobel (Orgs.), *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp. 135-160). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moreno, J.L. (1978). *Psicodrama*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- Müller, M. (1988). *Orientação vocacional: contribuições clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Preto, N. G. (1995). Transformação do sistema familiar na adolescência Em B. Carter & M. McGoldrick. (Orgs.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 223-247). Porto Alegre: Artes Médicas.

Rappaport, C. R., Fiori, W. R. & Davis, C. (1982). *Psicologia do Desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência* (Vol. 4). São Paulo: EPU.

Stanton, M.D., Todd, T., Heard, D. B., Kirshner, S., Kleiman, J. I., Mowatt, D. T., Riley, P., Scott, S. M. & Van Deusen, J. M. (1999, 4ª. ed.). Um modelo conceptual. Em M. D. Stanton; T. Todd; H. Berger, E. K. Carr, L. Cook, H. C. Fishman, H. E. Hargrove, J. Haley, D. B. Heard, G. Lande, S. Kirshner, J. I. Kleiman, D. T. Mowatt, C. P.

O'Brien, P. Riley, B. L. Rosman, S. M. Scott, F. Steier, P. Urquhart, J. M. Van Deusen & G. E. Wood (Orgs.), *Terapia familiar del abuso y adiccion a las droga* (pp. 25-42). Barcelona: Editorial Gedisa.

Recebido em 05/07/2004

Aceito em 19/10/2004

Endereço para correspondência: Larissa Medeiros Marinho dos Santos. CLN 410 Bloco "B" Apto. 110. CEP 70865-520, Brasília-DF. E-mail: larmedeiros@unb.br